

De onde eles vieram

UFRJ

Maria da Conceição Tavares
João Maia
Antônio Barros de Castro
Aloísio Teixeira

FGV

Mário Henrique Simonsen
Paulo Rabello de Castro
Porto Gonçalves
Julian Chacel
Octávio Gouveia de Bulhões
Geraldo Gardenalli

USP

Zélia Cardoso de Melo
Ibrahim Eris
Luís Eduardo Assis
Carlos Henrique Moraes
João Sayad
Delfim Netto
Pérsio Arida
Marcos Fonseca

UNICAMP

Antônio Kandir
Luiz Gonzaga Belluzzo
João Manoel Cardoso de Melo
Eduardo Teixeira

PUC-Rio

Eduardo Modiano
Antônio Cláudio Sochaczewski
Edmar Bacha
Chico Lopes
José Márcio Camargo
André Lara Rezende

Plano Collor reuniu pensamento econômico de diferentes escolas

Ao contrário dos planos econômicos anteriores, o de Collor resulta da alquimia de várias cabeças econômicas, que representam ampla gama de pensamentos, dos mais heterodoxos aos ortodoxos radicais. O plano conseguiu juntar teorias defendidas na USP, na Unicamp, na PUC do Rio e na UFRJ. Talvez por isso tenha agradado, num primeiro momento, a gregos e troianos: de Aloísio Mercadante a Delfim Netto.

Mas, afinal, quem são os economistas que fizeram e continuam a fazer escola no Brasil? Alguns dos hoje principais expoentes da economia brasileira, como a Ministra Zélia Cardoso de Melo, já foram leitores assíduos de "O Capital", de Karl

Marx, mas o que predomina mesmo no Governo é uma mistura de escolas econômicas, da progressista Universidade de Campinas à conservadora Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro.

A FGV do Rio, fundada em 1944, sempre foi considerada o centro de pensamento econômico mais conservador no Brasil: Eugênio Gudin, Octávio Gouvêa de Bulhões, Roberto Campos e Mário Henrique Simonsen são exemplos. Mas foi lá, também, que se criaram economistas como Francisco Lopes e André Lara Resende — dois dos pais do Plano Cruzado — que depois emigraram para a PUC-Rio, na esperança de implantar

um Departamento de Economia menos conservador. Foi na PUC-Rio que se geraram economistas de destaque, como Eduardo Modiano e Edmar Bacha.

Já a FGV de São Paulo não pode ser considerada uma escola de pensamento econômico restrito. Criada em 1954, a instituição congrega economistas de linhas distintas, como Luiz Carlos Bresser Pereira, Afonso Celso Pastore e Eduardo Matarazzo Suplicy. Já a USP sempre seguiu uma linha mais conservadora: seu mais brilhante aluno foi Delfim Netto. Mas, em oposição ao grupo de Delfim, a USP reúne outras escolas, como a de João Sayad, por exemplo.

A Unicamp é considerada a escola de linha mais progressista do País. Seus representantes: João Manoel Cardoso de Melo, Luiz Gonzaga Belluzzo (ambos assessores de Dilson Funaro) e Luciano Coutinho. Assim como a FGV-SP, a Faculdade de Economia da UFRJ não pode ser considerada uma escola de pensamento econômico, já que reúne vários tendências, representadas por exemplo por Maria da Conceição Tavares, Aloísio Teixeira, Antônio Dias Leite e Antônio Barros de Castro.

Foi de uma mescla destas escolas econômicas que surgiu a equipe da Ministra Zélia Cardoso de Melo. Outros discípulos da escola da USP no Governo Collor são os Secretários de

Planejamento, Marcos Fonseca, de Política Monetária, Luís Eduardo Assis, o Assessor Especial da equipe econômica, Carlos Henrique Moraes, e Ibrahim Eris, hoje Presidente do Banco Central. Da escola considerada mais progressista pelos próprios economistas, a Unicamp, saiu o Secretário da Política Econômica, Antônio Kandir.

O Presidente do BNDES, Eduardo Modiano, e o Diretor da Área Externa do Banco Central, Antônio Carlos Sochaczewski, são defensores do pensamento econômico da PUC-Rio. O Secretário Nacional de Finanças, Geraldo Gardenalli, foi pinçado da FGV-SP e o Secretário de Economia, João Maia, da UFRJ.